

Carta semanal 33 (2018): Amanhã será tarde demais para fazer o que deveríamos ter feito há muito tempo



**COMO KERALA LUTOU
CONTRA A MAIOR ENCHENTE
EM QUASE UM SÉCULO**

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Em 1992, Fidel Castro foi de Cuba ao Rio de Janeiro (Brasil) para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento anunciar: “Amanhã será tarde demais para fazer o que deveríamos ter feito há muito tempo”. Ele quis dizer tomar precauções contra as emissões de carbono emitidas pelo capitalismo e avançar para um sistema ecológico socialista. O comitê dos governantes do mundo – Grupo dos 7 como eles gostam de se denominar – foi para casa e desconsiderou os protocolos do Rio. Cuba tinha outras ideias.

Quatro anos antes da conferência do Rio, a Organização Meteorológica Mundial da ONU e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente estabeleceram o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). Havia preocupação de que a destruição ambiental não fosse apenas prejudicial ao planeta e a seu povo, mas que apressou o fim da possibilidade de vida na Terra. O IPCC tinha um objetivo imediato – estudar o risco da mudança climática induzida pelo homem, avaliar seus possíveis impactos e oferecer possíveis opções de prevenção. O IPCC, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2007 por alertar sobre as implicações catastróficas do capitalismo induzido pelo carbono, produziu cinco importantes relatórios de avaliação e vários relatórios especiais.

Na semana passada, o IPCC divulgou um **relatório** especial, o aquecimento global de 1,5 °C. Este relatório diz que “exigiria mudanças rápidas, de longo alcance e sem precedentes em todos os aspectos da sociedade”. Se o caminho atual do abuso de carbono permanecer inalterado, o aquecimento não será contido abaixo de 1,5 °C. À medida que o aquecimento global aumenta além de 1,5 °C, os recifes de corais desaparecerão e o nível do mar aumentará. Regiões áridas como o Sahel da África vão secar completamente. A seca e a fome se tornarão mais comuns e ecossistemas inteiros morrerão. “Mudanças rápidas, de longo alcance e sem precedentes” – parece que o IPCC, de maneira cuidadosa, está dizendo ao mundo que o sistema capitalista simplesmente não será capaz de lidar com a calamidade do aquecimento global.

Em um importante **artigo** da Revista de Estudos Agrários (2015), Tejal Kanitkar, do Instituto Tata de Ciências Sociais, escreve que o orçamento total de carbono disponível ao planeta para limitar o aquecimento global a 1,5 °C é de 744 GtC (gigatoneladas de carbono). O orçamento de carbono é a estimativa da quantidade de dióxido de carbono que pode ser emitida para manter a elevação da temperatura global abaixo de um valor acima dos níveis pré-industriais (a quantidade definida oscila entre 1,5 °C e 2 °C). O que restou desse orçamento – em 2015 – foi de 77 GtC. A maior porção do uso desse carbono foi tomada pelos países industriais avançados, com o mundo em desenvolvimento usando apenas uma fração do orçamento de carbono. Não há discussão séria agora sobre como – com a necessidade de restrições severas ao uso de carbono – os estados industriais avançados manterão seu imenso esgotamento no espaço de carbono ao mesmo tempo em que o Sul Global será capaz de atender às expectativas de suas populações. A repartição injusta do uso parece ser o caminho a ser seguido, a menos que os países do Sul Global pressionem os estados industriais avançados e impedir que estabeleçam uma agenda injusta.

A seriedade no comitê dos governantes do mundo pode ser avaliada pelo comentário de Trump sobre este relatório do IPCC – “Eu quero ver quem o desenhou”.



Panmao Zhai, Secretário Geral da Sociedade Meteorológica Chinesa e co-presidente do Grupo de Trabalho 1 do IPCC, disse que “já estamos vendo as consequências de 1 °C do aquecimento global através de condições climáticas mais extremas, aumento do nível do mar e diminuição Gelo do mar Ártico”. Um desses impactos é a ferocidade dos furacões (como **mostra** o relatório do IPCC de 2007).

No ano passado, dois grandes furacões atingiram o Caribe – o furacão Irma e o furacão Maria. Eles devastaram as nações insulares de Dominica a Cuba. Mas o alívio, a reabilitação e a recuperação nessas ilhas não eram idênticos. Em Porto Rico – como mostra a jornalista canadense Naomi Klein em um novo livro – o governo dos Estados Unidos não se preparou para os furacões nem ajudou as pessoas depois disso. Houve mais interesse na privatização da rede elétrica do que em repará-la nos meses seguintes. Klein chama isso de “capitalismo de desastre”, como a criação de lucros configura desastres e depois usa desastres para ganhar dinheiro (você pode ler minha resenha do livro de Naomi **aqui**).

Mas, em Cuba, não muito longe de Porto Rico ou tão atingida pelos furacões, a preparação foi muito mais sofisticada e a recuperação – apesar da falta de finanças – foi muito mais rápida. Poderíamos chamar isso de “socialismo de desastre” – a maneira pela qual uma sociedade socialista enfrenta os eventos extremos da mudança climática. Quando Castro voltou do Rio em 1992, ele retornou a uma sociedade que já havia – desde 1980 – tomado a importância da agroecologia e do ambientalismo. Depois do Rio, Cuba sofreu uma ruptura apesar da perda de seu parceiro soviético e do embargo dos Estados Unidos. O uso de biopesticidas e a proteção de zonas úmidas vieram junto com a descentralização da rede elétrica. O voluntariado faz parte do tecido da sociedade cubana, uma ética que foi essencial no rescaldo do furacão Maria. O espírito de voluntariado era tal que Cuba enviou centenas de médicos para ajudar outras ilhas do Caribe (Cuba também

se ofereceu para enviar médicos e trabalhadores do setor elétrico a Porto Rico, uma oferta recusada por Washington). Depois do furacão, **relatei** para o *Frontline*, no conto de duas ilhas, como o socialista Cuba tinha planejado de maneira tão eficaz a preparação para os furacões e a recuperação, enquanto o capitalista dos Estados Unidos engasgava. Muito deve ser aprendido dessas duas experiências. Uma coisa é ter as lojas mais chamativas. Outra é ter uma sociedade que não esteja alienada da natureza e que não desconsidere as pessoas.

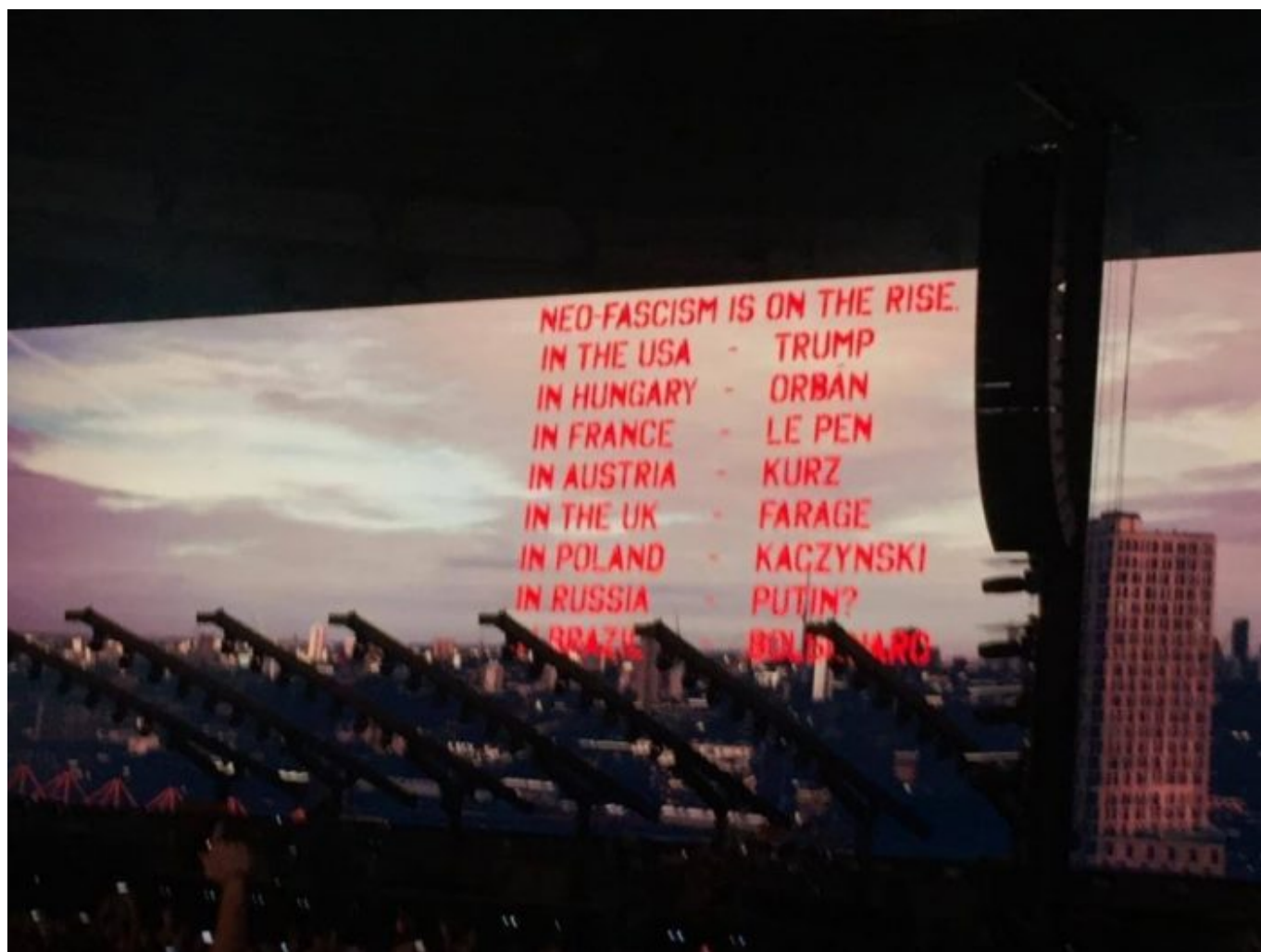
Ano passado, Cuba anunciou uma nova política de **Proteção a Vida**, um programa de seu Conselho de Ministros para “aumentar a resiliência das comunidades vulneráveis”, disse Dalia Salabarría Fernández (bióloga marinha do Centro Nacional de Áreas Protegidas). O aumento do nível do mar e a deterioração dos recifes de corais são um problema sério que o programa propõe enfrentar. Como o bloco capitalista continua a envenenar o mundo com toxinas, na mitigação socialista de Cuba já está à mão.



Esse verão, a chuva caiu de maneiras inimagináveis sobre Kerala – criando enchentes, que fazem parte do ciclo extremo devido ao capitalismo movido a carbono. O governo da Frente de Esquerda Democrática havia se preparado para o aumento da água e entrou em ação. Assim como fez a sociedade de Kerala, onde – graças a uma luta social centenária – o povo é organizado em várias cooperativas e sindicatos que trabalham para salvar a vida do povo e dos animais e para oferecer abrigo a uma grande escala de pessoas (veja essa **história** do membro do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, P. Sainath). Ações públicas fortes do Estado e da sociedade de Kerala reflete uma forte ação pública em Cuba.

Nosso time em Delhi do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** escreveu sobre a história das enchentes de Kerala e as ações publicadas que caracterizaram o desastre. Nosso Dossiê nº. 9 (Como Kerala lutou contra a maior enchente em quase um século) descreve a severidade da tempestade, a destruição causada pela enchentes e, principalmente, sobre o trabalho para salvar vidas e reconstruir vilarejos e cidades. É uma poderosa história, e inspiradora para falar a verdade, mas também uma história que ensina como um governante de esquerda pode tomar medidas atuais para mitigar os perigos da mudança climática. Governos de esquerda, como o economista VK Ramachandran (vice presidente do Conselho de Planejamento do Estado de Kerala) **disse** recentemente, temos que ver que “a resiliência climática é uma parte muito importante do planejamento de recursos”. É disso que trata o Proteção a Vida de Cuba e é nisso que precisamos nos concentrar seriamente. A capa do nosso dossiê é um desenho original do brilhante artista Orijit Sem (eu o usei como a principal imagem para essa carta semanal – acima).

Nossa imagem do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** da semana é do líder comunista de Kerala AK Gopalan (vejam abaixo). São pessoas como AKG que trabalharam para construir uma sociedade de cooperação e associações voluntárias, assim como um governo do estado voltado para o povo; foi essa sociedade e esse estado que santificaram ações públicas. Vale a pena notar que foi AKG que liderou a criação das cooperativas de trabalhadores para produzir e vender café – a Cooperativa Indiana dos Trabalhadores de Café que administra o Indian Coffee House, disponível em toda a Índia (meu favorito é em Kolkata, na College Street).



A foto acima é de **um** concerto do Roger Waters, do Pink Floyd, em São Paulo (Brasil). Isso foi após o

primeiro turno das eleições, do qual o candidato da extrema direita Jair Bolsonaro chegou perto de uma vitória definitiva. No segundo turno, no dia 28 de Outubro, ele será desafiado pelo candidato do Partido dos Trabalhadores – Fernando Haddad. É esperado que Haddad seja capaz de estimular a indignação contra o fascismo de Bolsonaro. A mídia corporativa do Brasil – se é que pode se dar esse nome – está com Bolsonaro, que é apoiado por uma burguesia mais preocupada com os perigos impostos pelos pobres do que pela ascensão dos fascistas. O cenário do show de Waters catalogou a ascensão do neofascismo, de Trump até Bolsonaro. Esta é a dramática personalidade dos nossos monstros (Waters negligenciou Duterte, Erdogan e Modi – figuras no livro editado **Strongmen**).

Trump desdenhou do relatório do IPCC. Ele não leva a sério as mudanças climáticas. Mas ele leva a sério suas outras pequenas – mas perigosas – guerras: sua guerra contra o Irã e sua guerra contra a China. Sobre o Irã, Trump e seus acólitos **disseram** que haverá “inferno para pagar” se qualquer cidadão dos EUA for prejudicado pelos iranianos na Ásia Ocidental (eles se concentram na Síria). Eles estão procurando uma razão para destruir o Irã. Na China, Trump continua sua guerra comercial. Agora, há uma discussão séria sobre se a China vai parar de comprar a dívida dos Estados Unidos – uma decisão política que impactaria todos os aspectos do poder dos EUA (por favor, veja minha reportagem sobre a China **aqui**).

Homens poderosos como Trump não estão interessados em humanos ou natureza. Eles estão interessados em poder e dinheiro. Para eles, o que as pessoas em Cuba e Kerala estão fazendo não é de seu interesse. Eles estão criando o inferno na Terra – lugares como o assentamento de **Agbogbloshie** em Acra (Gana), onde os detritos do capitalismo vão ser destruídos e reutilizados. A poetisa dos EUA, Marge Piercy, está pensando nesses homens poderosos, quando ela escreve: “Como esses homens são tão frios e cheios de malícia?” Eles aceitam isso porque isso os beneficia. Eles ganham dinheiro com as pessoas e a natureza. Esse é o limite de suas ambições.

Cordialmente,

Vijay.



A.K.
GOPALAN

1904–1977